

UMA PERSPECTIVA SOBRE A DOCÊNCIA DE TEATRO EM ESCOLAS

André Luiz Lopes Magela¹

RESUMO

Breve ensaio, construindo justificativas conceituais justificativas para o ensino de teatro obrigatório em espaços formais de educação. Tendo em conta elementos da estética relacional (Bourriaud, 2009), nós podemos melhor relacionar o ensino de teatro com elementos estéticos presentes na vida dos alunos. O ensino de teatro torna-se, assim, mais relevante e necessário, não por seus temas, mas por seus componentes técnicos inerentes.

Palavras-chave: Educação teatral. Estética relacional. Educação formal.

Na educação teatral, há muitos problemas e necessidades de ajustes bem trabalhosos para a realização das aulas. Uma boa parte dos problemas se deve a questões gerais, relativas ao sistema de educação como um todo; problemas notórios e sobre os quais não vou me deter no momento. Mas também há uma parcela de problemas que são mais específicos à docência de teatro em ambiente escolar e inerentes ao trabalho na educação teatral- por exemplo, a resistência de alunos que não aceitam ou aderem a propostas que o professor traz. Isso toma grande parte do que trabalhamos nos cursos de licenciatura, e se algum licenciando considera isso um real e impeditivo incômodo, digo-lhe que estes são os ossos do nosso ofício e que não reconhecer sua realidade é como ser um cirurgião que não consegue ver sangue.

Mas há dificuldades também que são adjacentes, acessórias, acidentais a nossa atividade. São dificuldades que advêm de problemas e precariedades históricas que devem ser retificadas, mesmo que saibamos que algumas não serão totalmente eliminadas. Uma delas é a incompreensão ainda generalizada sobre os motivos e os conteúdos que tornam necessárias as aulas de teatro na formação dos alunos no ensino fundamental. Essa falta de conhecimento atrapalha as aulas de teatro em todas as suas etapas: no reconhecimento de sua importância, na criação de condições para que haja espaço e professores para haver aulas de teatro, na disponibilização de recursos de todos os tipos para que as aulas transcorram bem, e por aí vai.

¹ Ator formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Licenciado em teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde é doutorando em artes cênicas. É docente no curso de Teatro na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Contato: andrellmagela@gmail.com

O ensino de teatro em escolas é oficialmente para todos, inclusive em esquemas obrigatórios de aplicação. Concordo com essa política de disseminação, mas não conseguimos ainda estabelecer e divulgar justificativas realmente consistentes para que ela se dê. Falo consistentes não no sentido de se pensar ou questionar a obrigação, mas quanto ao porquê de se querer lecionar teatro para todo o mundo e quanto ao que é lecionado (e mesmo se algo é lecionado). Ainda percebo que há uma falta de clareza sobre o que ensinamos, o que está em jogo nas aulas de teatro, que diferença faz ensinar ou não teatro para uma criança ou adulto.

Essa deficiência é grave e implica em problemas diretos no planejamento e condução dos processos de docência teatral para aqueles que não querem realizar obras teatrais de maneira profissional ou mesmo amadora para serem exibidas para um público. Além disso, ela contribui fortemente para a falta de argumentos nos campos institucionais da educação (secretarias de educação, etc.) para que haja esforços efetivos para a implementação de aulas de teatro. Sem nitidez sobre isso tudo, não podemos convencer as instâncias decisórias sobre cuidados necessários para implementasse ensino nem, no caso de haver uma rara boa vontade, construir de maneira consistente os modos de operar essa implementação.

Uma pista que percebo como promissora para se constituir uma perspectiva pertinente para as justificativas e os porquês de se ensinar teatro para todos os cidadãos é perceber algo talvez óbvio: que o ensino de teatro em escolas para todos os brasileiros (principalmente para aqueles que não serão atores ou profissionais do teatro) deveria ser orientado para a vida dos alunos quanto às questões de teatralidade presentes na sua existência cotidiana, na trama social que os constitui e com que eles se relacionam. Uma “existência teatral” interessante em que se constroem, novas formas de viver – de caráter eminentemente estético-político. Isso diz respeito não a aulas de teatro com temas ou assuntos do contexto dos alunos, mas a uma teatralidade entranhada na vida, uma forma teatral que a vida já tem – promover o desenvolvimento de uma percepção ético-estética teatral da vida, formas de pensamento eminentemente teatrais que sejam presentes no cotidiano de todas as pessoas, constituindo-as.

Para amparar essa visão, uso como exemplo a chamada “estética relacional”, que basicamente é a abordagem que Nicolas Bourriaud (2009) fez de trabalhos que retiram seu foco da obra como objeto e consideram como seu campo de atividades as relações sociais. Essa radicalização estética questionaria concepções tradicionais da arte, causando um indiscernimento entre uma suposta vida “real” e a “Arte” como uma criação em âmbitos à parte do cotidiano (museus e teatros, por exemplo). Colocando em relevo o caráter político da arte, Bourriaud considera que esses artistas contemporâneos claramente assumem uma postura estético-política e tentarão desconstruir os códigos presentes na vida para que essa decodificação permita uma reutilização do mundo, invenção de mais possibilidades de existência. O mundo, para ele, inclusive já está ocupado esteticamente, fazendo com que tenhamos de reocupá-lo, reutilizá-lo – o que seria uma operação de “pós-produção”.

É preciso notar que nessa proposta de ocupação estética do mundo há um caráter pedagógico na arte. Para muitos artistas contemporâneos, não existe uma Arte que alça os ápices da questão humana desvinculada e desejavelmente distante de uma educação que estaria num pedagogismo rasteiro. Esses âmbitos são associados e se retroalimentam:

As práticas estéticas atuais parecem tratar-se como dispositivos de desnaturalização, como lentes de aumento sobre os modos de vida dos sujeitos. Parecem funcionar como artefatos de problematização da intrincada trama da realidade, seja de seus desdobramentos políticos, tecnológicos, econômicos, estéticos ou discursivos. (FARINA, 2008, p.4)

Se notarmos os exemplos que Nicolas Bourriaud elege, torna-se inevitável a percepção de uma visão mais expandida de arte e de seu ensino. Faço notar, como exemplo, que no livro *Jogos Teatrais*, de Ingrid DormienKoudela (2009), é mencionada uma das características teatrais fundamentais no processo educacional da pessoa – a compreensão dos eventos que a cercam e a constituem. A decodificação que essas formas artísticas aqui colocam em relevo se dirige não só a formas estéticas mais abstratas, mas também a padrões narrativos, enredos que nos constituem. Nicolas Bourriaud nota esses enredos e roteiros estruturados que compõem nossa vida cotidiana, principalmente em seu aspecto político:

A sociedade humana é estruturada por narrativas, por enredos imateriais que se traduzem em maneiras de viver, em relações no trabalho ou no lazer, em instituições ou em ideologias. Os responsáveis pelas decisões econômicas projetam cenários sobre o mercado mundial. O poder político elabora previsões e planejamentos. *Vivemos dentro dessas narrativas.* Assim, o emprego segue o enredo dado pela divisão do trabalho; o casal heterossexual segue o enredo sexual dominante; a televisão e o turismo oferecem o enredo privilegiado para o lazer. (BOURRIAUD, 2009, p.49)

Para o autor, os trabalhos artísticos relacionais visam atuar no âmbito estético da vida real, nessas estruturas sintéticas e previamente introduzidas nos aspectos cotidianos; vividas de maneira clara ou não, percebidas ou não. Esses artistas desnaturalizam esses quadros predefinidos e as fronteiras ilusórias entre ficção e informação, decodificando e utilizando essas formas para produzir linhas narrativas divergentes, relatos e enredos alternativos, criando mundos outros que não os dominantes.

Essa atividade criativa no cotidiano não é apenas de decodificação ou de elaboração simbólica: ela efetivamente é uma produção de vida. Porque a reocupação estética do mundo significa construir uma vida com propriedade, aumentar o poder de construir uma vida que, mesmo condicionada pelas potências maiores da rede de poderes sociais, possa intensificar suas próprias potências, sua autodeterminação situada. Autodeterminação que se constitui como prática cotidiana e que considera a vida comum como o trabalho estético significativo.

Considerando essa perspectiva “relacional”, as aulas de teatro assumem outro sentido. Mesmo as questões mais técnicas (como elementos presentes na experiência de se estar em cena) podem ser conectadas com aspectos importantes da vida dos alunos. Assim, as justificativas para a universalização das aulas de teatro no ensino formal passam a ter mais um aliado e talvez possamos dar mais um bom passo numa luta pela melhoria da educação que está longe de acabar.

REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FARINA, Cynthia. *Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual*. Artigo apresentado na 31ª reunião da ANPED. 2008. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>>.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2009.